

Indústria brasileira acumula perdas trimestrais

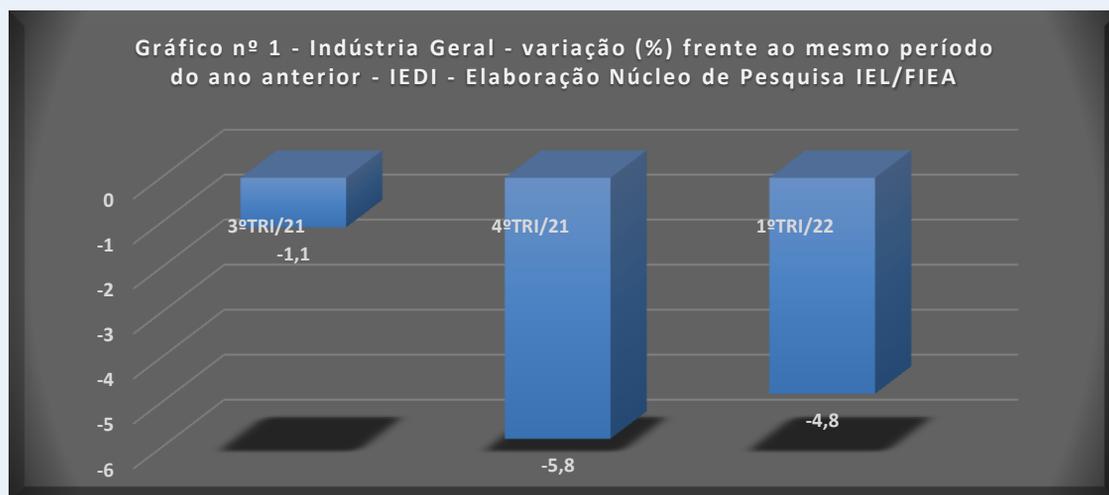
No acumulado do primeiro trimestre de 2022 - quando comparado a igual período do ano anterior – a indústria brasileira manteve a trajetória de retração observada nos dois trimestres imediatamente anteriores, como pode ser visto no gráfico nº 1. Tal comportamento fez com que a média móvel trimestral dos indicadores de produção das indústrias geral, de transformação e extrativa mudassem sua inclinação de positiva a partir de dezembro de 2020 para negativa de agosto de 2021 em diante. As retrações na produção no primeiro trimestre de 2022 foram detectadas em todos macrossetores, ou seja, indústrias de bens de capital, intermediários, consumo duráveis e semi duráveis e não duráveis de 2,6%, 3,4%, 18,3% e 4,4%, respectivamente. As razões para este desempenho insatisfatório da indústria do lado da demanda continuam as mesmas e, o que é pior, vem se agravando. Ou seja, taxa desemprego elevada, com aproximadamente doze milhões de pessoas sem ocupação. Inflação de dois dígitos e acelerando, em abril atingiu o patamar de 12,3% em doze meses contra 11,3% em março, compromete o poder de compra das famílias e sua capacidade de adquirir bens de consumo semi e não duráveis. Em março de 2022 o rendimento médio real de todos os trabalhadores encontrava-se 6,9% abaixo do seu valor antes da Pandemia da COVID19 e - 8,2% na comparação com igual

período em 2021. Juros altos e com tendência de alta combinados com famílias endividadas afetam diretamente a demanda por bens de consumo duráveis, o que em grande medida explica o desempenho insatisfatório do setor de bens de consumo duráveis. As famílias ao longo do ano de 2021 atingiram níveis expressivos de endividamento. De acordo com o Banco Central do Brasil (BCB), o endividamento das famílias com o Sistema Financeiro Nacional (em relação à renda acumulada dos últimos doze meses) passou de 42% em fevereiro de 2020 para 52,57% em dezembro de 2021. Todos estes fatores terminam contaminando as decisões de investimentos das empresas, aquisição de bens de capital, em função dos efeitos negativos que provocam nas expectativas dos empresários.

No tocante aos gargalos conjunturais do lado da oferta, a indústria vem sofrendo com os problemas de fornecimento de insumos provocados pelos efeitos da COVID19 nas cadeias de valor em nível internacional. Estes problemas tem sido agravados recentemente pelo surgimento da variante Ômicron que tem levado a China a decretar lockdown em algumas regiões, afetando negativamente o fornecimento de componentes eletrônicos, assim como pela guerra entre a Rússia e a Ucrânia com reflexos negativos sobre os preços das commodities de maneira geral. Apesar da melhoria na margem na

passagem de fevereiro para março de 2022 dos setores de serviço, varejo e indústria, o IEDI chama atenção que a liderança coube aos serviços, com +1,7%, já descontados os efeitos sazonais, seguidos pelo varejo (+0,7% em seu conceito ampliado) e então pela indústria, com +0,3%, ficando mais próxima de um quadro de estabilidade do que de crescimento. Outra semelhança neste final de trimestre, identificada pelo IEDI, é que os serviços também saíram na frente, com 100% de seus segmentos registrando ampliação de faturamento, à frente do varejo, com 70% de seus ramos no azul e, então, da indústria, em que 54% dos ramos acompanhados pelo IBGE conseguiram avançar frente a fev/22. A mediana das expectativas do mercado financeiro que projetava crescimento próximo a 0,2% para o PIB da indústria no final de 2022 foi revista para baixo no final de abril que passou a esperar queda de 0,5%. Ao se configurar este cenário teremos mais um ano perdido para a indústria brasileira o que compromete a perspectiva de crescimento da economia brasileira nos próximos anos.

Gráfico nº 1 - Indústria Geral - variação (%) frente ao mesmo período do ano anterior - IEDI - Elaboração Núcleo de Pesquisa IEL/FIEA



Banco Central sinaliza continuidade do ciclo de alta da Selic

A taxa de inflação (IPCA, no acumulado de doze meses) segue em sua trajetória de aceleração atingindo em abril de 2022 o patamar de 12,13% contra 11,3% de março, postergando o pico de alta esperado pelo BCB. No relatório Focus de 29/04/2022, que já se encontra num tanto defasado em função da greve dos servidores do BCB, a mediana das expectativas do mercado para a taxa do IPCA este ano vinha sendo revista para cima com a estimativa de 7,89%aa, bem acima do centro da meta de 3,5%. A inflação implícita calculada pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA), a partir da diferença entre os títulos públicos pré-fixados e os corrigidos pelo IPCA, alcançou recentemente o patamar de 7,95% no vértice de 252 dias úteis. A pressão provocada pela guerra entre Rússia e Ucrânia assim como os lockdowns na China tem pressionado os preços das commodities e de componentes eletrônicos, alimentado expectativas de alta da inflação e contaminado cada vez mais a taxa esperada para 2023. O mercado estima inflação para o próximo ano de 4,1% e em 2024 de 3,2% se distanciando do centro da meta de 3,25% e 3%, respectivamente.

A continuidade da aceleração do IPCA tem levado o mercado a apostar na continuidade do ciclo de alta da Selic, com a mediana das expectativas estimando a taxa básica de juros em 13,25%aa no final de 2022. A curva DI para janeiro de 2023 e 2024 projeta taxas de 13,4%aa e 13,06% sinalizando viés de alta para Selic. A dúvida é se o BCB sancionará ou não este patamar de juros.

No balanço de risco feito na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM) em 05/05/2022, o BCB deixou claro quais fatores impulsionadores da inflação continuam presentes. Ou seja, no contexto

externo avanço nos preços das commodities, lockdown na China e viés de alta nas taxas de juros praticadas pelos Bancos Centrais, principalmente o Banco Central dos EUA, com efeito de desvalorização das moedas dos países emergentes. Do ponto de vista doméstico, inflação ao consumidor segue elevada, com alta disseminada entre vários componentes, se mostrando mais persistente que o antecipado, principalmente nos casos de alimentos e combustíveis e incerteza sobre o futuro do arcabouço fiscal do país, parcialmente incorporada nas expectativas de inflação e nos preços de ativos. O BCB avalia também que os seguintes fatores podem favorecer a redução da inflação: "(i) uma possível reversão, ainda que parcial, do aumento nos preços das commodities internacionais em moeda local; e (ii) uma desaceleração da atividade econômica mais acentuada do que a projetada. O Comitê avalia que a conjuntura particularmente incerta e volátil requer serenidade na avaliação dos riscos". Em função do aumento da incerteza e do risco de desancoragem das expectativas de inflação em um prazo mais longo, o BCB decidiu continuar com o ciclo de alta de Selic só que em um ritmo menor. Isto fica bem claro na seguinte passagem da Ata publicada pelo COPOM: "Para a próxima reunião, o Comitê antevê como provável uma extensão do ciclo com um ajuste de menor magnitude. O Comitê nota que a elevada incerteza da atual conjuntura, além do estágio avançado do ciclo de ajuste e seus impactos ainda por serem observados, demandam cautela adicional em sua atuação. O Copom enfatiza que os passos futuros da política monetária poderão ser ajustados para assegurar a convergência da inflação para suas metas e dependerão da evolução da atividade econômica, do balanço de riscos e das projeções e

expectativas de inflação para o horizonte relevante da política monetária".

A continuidade do ciclo de alta da Selic é preocupante uma vez que esta política, mesmo com a defasagem dos efeitos na ponta para consumidores e empresas, tem se mostrado pouco eficaz para fazer frente a inflação provocada, em grande medida, por choques sucessivos de oferta. Ademais, há a possibilidade de desaceleração, talvez até recessão, na economia americana em função da manutenção de um possível ritmo mais forte de ajuste dos juros pelo Banco Central dos EUA, com efeitos negativos para a economia brasileira. O Monitor de Juros do FED (Banco Central Americano) tem sinalizado com 91% de probabilidade que na próxima reunião de 15/06/2022 a taxa será aumentada em 0,5%. Apesar da resistência do FED em acelerar o ritmo de alta, a inflação americana também está aumentando em ritmo forte atingindo o patamar de 8,3% em abril assim como o núcleo de inflação, que exclui categorias de produtos mais voláteis, como alimentos e energia, passou de 6% em janeiro para 6,2% em abril.

A política de alta de juros do BCB também tem aumentado a taxa de juros real (descontada a inflação esperada para os próximos 12 meses) de referência para os investimentos das empresas, que passou de 1,1% em abril de 2021 para 6,7% em igual período em 2022. Em síntese, ao insistir na atual política monetária o BCB coloca em risco o modesto crescimento esperado para este ano, algo próximo a 1% graças ao aumento dos preços das commodities e alguns estímulos fiscais, com pouca chance de conseguir atingir o centro da meta em 2023.

A produção Industrial Brasileira em março de 2022

A indústria brasileira em março de 2022 registrou aumento de 0,3% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2021 a produção industrial caiu 2,1%, dando continuidade à dinâmica de retração exibida em fevereiro quando recuou 4,3% (na mesma métrica). Na avaliação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI), “A variação em março foi menos da metade do

que havia registrado em fev/22. É cedo para avaliar esta evolução recente como o início de uma fase mais favorável para o setor, notadamente, diante do prolongamento da guerra na Ucrânia e de novos lockdown na China devido a surtos de Covid-19. Também seria necessária uma performance bem mais robusta do que a que temos visto.”

Ainda segundo o IEDI, “Em mar/22, a utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, cresceu de 79,9% no mês anterior para 80,2%, ficando acima da média histórica anterior à Covid-19 (79,5%). Entretanto, em abr/22 este indicador recuou novamente, chegando a 79,8%.”

Variações da Produção Industrial %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	0,3	-2,1	-4,5	1,8
Bens de capital	8,0	4,4	-2,6	20,9
Bens intermediários	0,6	-2,2	-3,4	1,3
Bens de consumo	-2,5	-3,8	-7,4	-1,9
Bens de consumo duráveis	2,5	-12,8	-18,3	-2,9
Semiduráveis e não duráveis	-3,3	-1,2	-4,4	-1,7
Extrativa Mineral	0,9	1,0	-1,7	1,1
Transformação	-0,6	-2,5	-4,8	1,8

Fonte: IBGE.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

1º VICE PRESIDENTE

José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO

Walter Luiz Jucá Sá

GERENTE UNITEC

Helvio Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

DIRETOR REGIONAL

José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE

Helvio Braga Vilas Boas

COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA

Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO

Núcleo de Inovação e Pesquisa IEL/AL

EQUIPÉTICA

Eliana Maria de Oliveira Sá

CONSULTORES

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

ESTAGIÁRIOS

Luana Santos Leite

Caio Túlio Roberto de Melo Cavalcante

CONTATO: (82) 2121-3085